

Paulistânia

A cidade, pelo olhar estrangeiro

Nem ponte, nem arranha-céu. O que chamou a atenção dos arquitetos da Bienal foram os contrastes

Sérgio Duran

Ponte estaiada da Marginal do Pinheiros, prédio-carambola de Ruy Ohtake, Minhocão, arranha-céus da região da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, Mercado Municipal. Nada disso chamou a atenção do grupo de três arquitetos estrangeiros e um brasileiro convidados pelo Estado para um passeio por São Paulo. De câmera na mão, eles tinham uma única idéia na cabeça: capturar imagens que traduzissem a capital.

O que acabou atraindo o olhar estrangeiro foram as disparidades urbanísticas dos edifícios altos ao lado de sobradinhos, o trânsito surreal da quarta-feira véspera de feriado, grades protegendo as casas da Vila Madalena ou ainda as árvores gigantes de Pinheiros, na zona oeste, e as respectivas calçadas arrendadas pelas raízes.

“Por que árvores de selva no meio da cidade?”, brincou o holandês Haiko Meijer, de 46 anos, apontando para uma das figueiras da Praça dos Omuaguás, na zona oeste. Meijer é um arquiteto badalado em seu país. Cria projetos ousados, de madeira, vidro e metal, edificações que fazem alusão à cultura pop. Esteve em São Paulo pela primeira vez como convidado da 7ª Bienal Internacional de Arquitetura, evento do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) que vai até 16 de dezembro.

Os demais passageiros da van que percorreu algumas ruas da cidade tinham em comum com Meijer apenas o total desconhecimento do território onde pisavam. O arquiteto dinamarquês Henrik Valeur, de 41 anos, trabalha no planejamento de cidades-satélite em Shanghai, China. A suíça Corinna Menn, de 33, atua no setor de infraestrutura urbana e mora em uma pequena cidade a uma hora de Zurique. O arquiteto paulista Paulo Henrique Paranhos, de 48, vive em Brasília desde 1970. Premiado, quando vinha a São Paulo não saía dos Jardins.

A primeira impressão dos quatro foi a de estranhamento. Difícil entender o planejamento de São Paulo. “É uma espécie de desconstrução do urbanismo”, observou Corinna. “Não é muito fácil de entender onde ficam as zonas comercial e residencial, casas e prédios, tudo parece estar junto. As edificações não respeitam também a geografia da cidade, as colinas, os vales. É como se um grande tapete tivesse sido colocado por cima”, analisou a arquiteta.

Para a jovem suíça, a imagem final da cidade foi o contraste. Por isso, ela elegeu os barracos do Jardim Edite, na zona sul, com os “arranha-céus americanos atrás”, como a melhor tradução de tudo o que viu e experimentou. “Os caminhões passam pelo meio da cidade por quê?”, questionou Corinna.

CRIATIVIDADE

A profusão de estilos e cores das fachadas revelou a Meijer criatividade, mas também individualismo, falta de preocupação com o coletivo, com a harmonia do conjunto. Ele se disse particularmente atraído pelo fato de uma quadra paulistana conter edificações de escalas e volumes tão distintos um dos outros. “A pior e a melhor arquitetura do mundo dividem espaço. É uma sensação de que você pode experimentar o que quiser



FOTOS: ANTONIO MILENA/AE

EXPEDIÇÃO URBANA - Da esquerda para a direita, Henrik Valeur, Paulo Henrique Paranhos, José Magalhães Júnior, Corinna Menn e Haiko Meijer, na visita ao Mercado Municipal

URBANISMO

Tour por São Paulo

Grupo de 3 arquitetos estrangeiros e 1 brasileiro fotografou pontos da cidade



Barracos da Favela Jardim Edite, zona sul, pelas lentes da suíça Corinna Menn



CHOQUE - O curador da Bienal, José Magalhães Júnior, lidera a equipe em frente da favela do Jardim Edite

FRASES

Haiko Meijer (foto) Holanda

“É uma sensação de que você pode experimentar o que quiser numa única quadra de São Paulo”

Corinna Menn Suíça

“É uma espécie de desconstrução do urbanismo”

Henrik Valeur Dinamarca

“Como pode essa gente tão criativa parecer amedrontada dentro dos carros?”



numa única quadra. É uma floresta urbana, um urbanismo de selva”, disse o arquiteto, perguntando como era a geografia da capital antes de virar o que é. Na passagem pelo Elevado Costa e Silva, no centro, o dinamarquês Henrik Valeur ignorou o viaduto para observar as pessoas dentro dos carros. “Há dois tipos de moradores aqui: o que vai de carro, fechado e com olhar de medo, nervoso, e as pessoas das calçadas, risonhas, com roupas de verão, alegres”, observou Valeur. E o Minhocão, é uma aberração? “Em Shanghai, há vários desses, mas não tão próximos dos prédios.”

Para o arquiteto, São Paulo apresenta todos os problemas de uma grande metrópole mundial, mas, ao contrário das outras, oferece igualmente todas as possibilidades de mudança, de melhoria de qualidade de vida da população. “Vocês gostam dessa transformação toda que vemos, tantos prédios novos, tantas construções? Vocês aprovam o destino para o qual a cidade está indo?”, questionou.

Na passagem pela Vila Madalena, na zona oeste, Valeur observou a criatividade das fa-

chadas, dos grafites do Beco do Batman. “Como pode essa gente tão criativa parecer amedrontada dentro dos carros?”, voltou a inquirir. Já o holandês Haiko Meijer foi mais objetivo na pergunta: “Por que algumas casas têm grades e outras, não?” Ambos não engoliram muito bem a resposta de que as grades eram comércios e o recurso era usado como proteção à violência urbana.

Único brasileiro, Paulo Henrique Paranhos já venceu concursos até no Japão. Durante o passeio, preferiu ouvir os comentários a fotografar. No fim, observou: “Esta é uma cidade que deve ser vista como algo em movimento, em transformação. Novas construções, as pessoas andando nas ruas, é tudo muito dinâmico. Esta é a característica daqui”, comentou.

Ao lado do curador da Bienal, José Magalhães Júnior, ele considerou o passeio tão importante quanto os debates do evento, que discutiu este ano o tema *Arquitetura: o Público e o Privado*. “A cidade está nos atropelando. Temos de mudar paradigmas para fazer alguma coisa por ela”, concluiu Paranhos. ●

Domingueiras

EXPOSIÇÃO

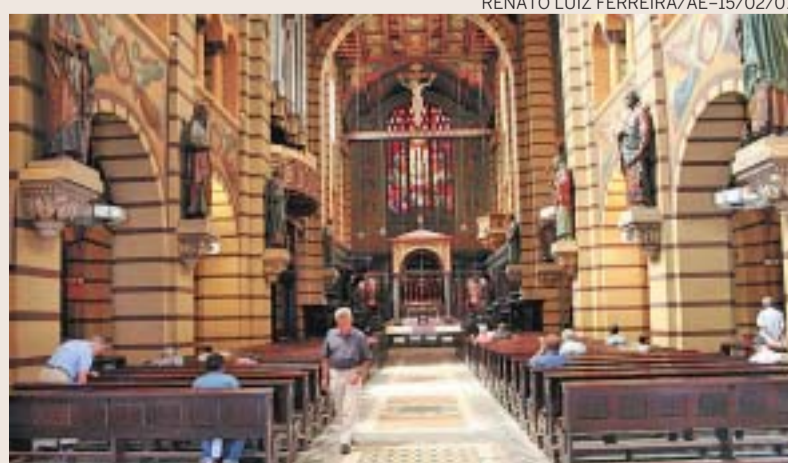
Carros antigos, ao som de rockabilly

Hoje é a última chance para participar do Encontro de Carros Antigos, que realiza sua última edição. São automóveis com mais de um quarto de século, que brilham como novos. Para embalar o encerramento, haverá um show da banda Ready Ted's - Rockabilly Trio. No Shopping Interlagos, zona sul, das 8 às 14h. Tel.: 3471-8888. Grátis.

CANTO GREGORIANO

Música e tradição no Mosteiro de São Bento

Os monges beneditinos estão no Mosteiro de São Bento (foto) desde 1958 e conservam tradições que valem ser apreciadas até mesmo por quem não é religioso, mas gosta de arte sacra. Todos os domingos, às 10h, a missa é rezada com cantos gregorianos. No fim, dá para comprar o tradicional pão dos monges. No Largo de São Bento, centro. Tel.: 3328-8799.



RENATO LUIZ FERREIRA/AE-15/02/07

ESPORTE

Aula de bike sob as estrelas do Planetário

O Planetário do Ibirapuera, na zona sul, abre suas portas para um programa diferente: uma aula de bike (feita sobre uma bicicleta fixa) para 80 pessoas sob um céu de estrelas. Enquanto as imagens do universo são projetadas, os atletas pedalam. É preciso retirar o ingresso uma hora antes. No Parque do Ibirapuera; às 15h, 17h, 19h e 21h. Tel.: 5575-5425. Grátis.

FOTOGRAFIA

Um registro do Rio do século passado

São 200 fotos de panoramas e paisagens do Rio de Janeiro, Niterói, Serra dos Órgãos, Teresópolis e Petrópolis, além de uma série botânica, com documentação de espécies. Todas registradas pelo suíço Georges Leuzinger, no século 19. No Instituto Moreira Sales (Rua Piauí, 444, Higienópolis), das 13h às 18h. Tel.: 3825-2560. Grátis.